## **APRESENTAÇÃO**

O número temático "Linguística & História" da Working Papers em Linguística busca reunir artigos inéditos que tematizem estudos em diálogo entre esses dois campos disciplinares. Dada a amplitude de cada um dos campos e as múltiplas intersecções que poderiam emergir dessa junção, o atual número, composto por onze artigos revela algumas das conversas possíveis.

Abrindo este número, o artigo A língua pomerana em percurso histórico brasileiro: uma variedade (neo)autóctone de Mônica Maria Guimarães Savedra e Leticia Mazzelli-Rodrigues promove o diálogo entre linguística e história com foco na língua pomerana falada no Município de Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo. As autoras apresentam uma ambientação sócio-histórica do Brasil à época da imigração e tecem comentários sobre o uso atual da língua pomerana na localidade em análise, propondo que, dada sua vitalidade linguística e seu uso contínuo, haja o reconhecimento da autoctonia dessa língua de imigração.

Continuando no contexto das línguas de imigração, Ivelã Pereira em *A voz de polono-brasileiros: um contexto histórico sul paranaense* traça reflexões tomando como base duas entrevistas sociolinguísticas de falantes de Quedas do Iguaçu, PR (antiga "Jagoda"), que compõem o banco VARLINFE (UNICENTRO, *campus* Irati). A autora busca depreender as dificuldades encontradas pelos entrevistados – e seus antepassados –, falantes de língua minoritária, em sua inserção na sociedade brasileira, bem como observar o silenciamento histórico e o apagamento linguístico/cultural experimentado por eles.

Mario Luis Monachesi Gaio em *As emoções e a transmissão linguística intergeracio-*nal: um estudo de caso também se interessa pela sobrevida das línguas de imigração que entram no Brasil no século XIX, colocando em destaque o papel da emoção na transmissão da língua ventena em uma comunidade do sul do Brasil. O autor realiza um estudo de caso que exemplifica a situação de transmissão lexical da blasfêmia 'porco dio' durante o deslocamento de uma casa de madeira, evidenciando que, no momento em que as emoções afloram, se pragueja na língua dos ancestrais.

O quarto artigo do número, intitulado Serafim da Silva Neto e a problematização do contato entre línguas: algumas observações sobre a relação entre os estudos linguísticos e a história, de autoria de Wellington Santos da Silva, apresenta uma análise do tratamento que o conhecido filólogo e linguista brasileiro dá à problemática do contato entre línguas na formação histórica do português no Brasil. Considerando as críticas atuais a Silva Neto por minimizar o papel das línguas indígenas e africanas na constituição do português

brasileiro, Wellington procura mostrar que a abordagem do filólogo está em consonância com o modelo de análise sociocultural da língua por ele proposto e que suas ideias são fundamentadas nos diálogos estabelecidos entre os estudos linguísticos e a História.

O artigo *No princípio era o verbo: a cultura escolar e o ensino da língua vernácula no ensino secundário brasileiro (1759-1960)*, de autoria de Luci Schmoeller e Norberto Dallabrida, objetiva explicar as prescrições que forjaram a cultura escolar em torno do ensino da língua vernácula no ensino secundário brasileiro, contando com análise histórica do processo de constituição da disciplina de Português no período que vai de 1759 – quando se impõe o português como língua materna – até o início do processo de democratização do ensino, em 1960. Segundo os autores, o nascimento da disciplina atrelado à constituição da nação brasileira e a um forte sentimento nacionalista afeta diretamente o entendimento do ensino da língua vernácula até os dias atuais.

Também pensando em questões relacionadas ao ensino, Talita Moreira de Oliveira, autora de *A organização tópica nos Livros Didáticos de História do 6º ano do Ensino Fundamental*, apresenta algumas reflexões sobre a constituição textual de livros didáticos de história do 6º ano do Ensino Fundamental. Analisando estratégias de continuidade referencial utilizadas nos livros em questão, a autora procura verificar como ocorre a progressão referencial e como os tópicos/temas principais e secundários se apresentam e são mantidos, retomados e recategorizados para permanecerem ao alcance da compreensão do leitor.

Denize Miotto Mazocco em *Análise do tempo linguístico nos textos de história*, apesar de também tomar textos de história como corpus de análise, observa a variação na flexão verbal – verbos no passado, presente e futuro – de eventos que culminaram no passado. A autora aponta que outras expressões, entre as quais estão nomes de indivíduos e de eventos complexos, localizam os eventos no tempo, dando liberdade para o tempo verbal variar sem que se altere a localização temporal dos eventos.

Como oitavo artigo do presente número, o texto *Neve para refrescar: reflexões sobre relatividade linguística condicionada pelo ambiente no estudo científico das línguas humanas,* escrito em coautoria por Marco Antonio Esteves da Rocha e João Paulo Zarelli Rocha, propõe uma análise da controvérsia a respeito da quantidade de palavras existentes em esquimó para referir-se a 'neve', fazendo uma reflexão sobre as noções de palavra, significado e relatividade linguística, conforme definidas na hipótese Sapir-Whorf e em relação com a lexicografia. Os autores apontam o início da controvérsia, a etnografia de Franz Boas, e argumentam que tanto os relatos do antropólogo quanto posteriores enumerações das

palavras para *neve* sustentam a hipótese Sapir-Whorf e discutem os critérios subjacentes ou ausentes em tais enumerações.

A compreensão do ato de fala de mentir pode mudar em duas décadas? E conforme gênero, escolaridade e idade?, de Pollianna Milan, questiona a compreensão do ato de fala de mentir a partir da teoria cognitiva dos protótipos. A partir de pesquisa experimental, Milan replica um estudo feito na década de 1990 para testar se o entendimento do ato de mentir mudou ao longo da história e se essa compreensão pode variar segundo o gênero, a escolaridade e a idade dos indivíduos. A autora conclui que o aspecto temporal interfere na interpretação que as pessoas dão, nas duas ultimas décadas, sobre o significado do ato de fala de mentir e que o gênero e a idade dos indivíduos também podem provocar diferenças interpretativas.

O penúltimo artigo deste número, Cidade-clima e higiene: apontamentos acerca da tuberculose em Guarapuava/PR de 1927 a 1932, escrito em coautoria por Cláudia Maris Tullio e Micheli Rosa, utiliza-se da interdisciplinaridade entre História e Linguística para compreender a tuberculose em Guarapuava/PR. Analisando o discurso sobre os doentes em relatórios médicos do Hospital São Vicente de Paulo, as autoras procuram entender como a doença era representada e quais seriam as práticas de prevenção no Brasil no início do século passado. Entre as formas de tratamento utilizadas, constata-se que a climatoterapia era uma importante alternativa no período e o clima do Estado do Paraná era considerado propício para tal tratamento, o que contrastava com as péssimas condições higiênicas encontradas na cidade de Guarapuava.

O último artigo deste número temático "Palavra, poder e fé: orações como fonte para a história da escrita", de Marcelo Sabino Martins, apresenta novas possibilidades de trabalho com a palavra escrita como fonte para a História. A partir da análise de um *corpus* de trinta e três orações escritas que pertenceram a moradores do interior da Ilha de Santa Catarina entre as décadas de 1950-1980, Martins considera a possibilidade de uma apropriação particular e privada da "palavra de Deus", propondo uma ampliação do olhar para além do significado literal, adentrando pelo campo das representações e buscando sentidos reais / históricos ou imaginários.

Para finalizar, esperamos que este número temático de "Linguística e História" da Revista *Working Papers em Linguística* fomente discussões e propicie novas pesquisas nas áreas. Aproveitamos para agradecer aos autores que enviaram seus textos, aos pareceristas *ad hoc*, pelas valiosas sugestões, à Equipe Editorial da Revista pelo apoio e ao Programa de Pós-graduação em Linguística, por oportunizar esta publicação.

Carla Regina Martins Valle Marco Antônio Martins Os organizadores